

Clinton revela a FHC preocupação com País

COLUNA DO ESTADÃO

A primeira reunião dos seis governadores eleitos por partidos de esquerda, ontem, em Brasília, serviu não só para mostrar que a oposição, agora, tem voz mais forte e deve ser ouvida, como também para incutir entre os próprios governadores que não se deve simplesmente combater o ajuste fiscal, mas apresentar medidas alternativas concretas e viáveis. As sugestões que eles pretendem levar ao presidente tentam preservar os Estados. Na reunião, os economistas alertaram os governadores: confirmado o quadro de recessão em 1999, a União estará muito mais protegida do que os Estados e municípios.

A deputada Maria da Conceição Tavares iniciou a discussão, salientando que o governo central se protege de uma possível recessão com os aumentos das contribuições – CPMF, Cofins e contribuições da Previdência. Receitas que são garantidas mesmo com crescimento negativo da economia e não são repartidas com Estados e municípios. Já os Estados e municípios podem perder com a queda de arrecadação do Imposto de Renda (desemprego e redução da atividade das empresas), do IPI (queda na atividade industrial), do ICMS e do ISS. "A recessão será mais forte para vocês", disse.

Os governadores da oposição estão convencidos disso e querem arrebanhar para o grupo colegas de outros partidos.

Antes, porém, terão de definir melhor suas sugestões e torná-las mais próximas da vontade dos governadores aliados.

Estratégia

Contra o ajuste fiscal do governo, os governadores de oposição vão pressionar diretamente os deputados e senadores de seus Estados, de todos os partidos.

Com o argumento de que eles devem ser mais fiéis aos interesses dos seus Estados, do que aos interesses do aliado FHC.

Números

O deputado Paulo Bernardo, presidente da Comissão de Fiscalização, fez as contas: o resultado previsto pelo governo de R\$ 1,7 bilhão com a contribuição de 11% dos 447 mil inativos e pensionistas significa que cada aposentado contribuirá, em média, com R\$ 3,8 mil por ano. E os R\$ 2,6 bilhões esperados com a alíquota temporária de 9% de contribuição significam que cada servidor vai pagar por ano, em média, R\$ 5,5 mil. "Isso é praticamente um confisco de salário", diz o deputado.



Conversa franca

Mário Covas almoça hoje com o presidente Fernando Henrique no Palácio da Alvorada. Na pauta, mais conjuntura política do que ajuste fiscal. Covas deverá repetir ao presidente a necessidade de ampliar o diálogo com as forças da centro-esquerda.

PT, surpreendeu os colegas: fala perfeitamente o tupi-guarani. "Posso dizer que sou um poliglota", brincou.

Pé de pato....

Esta é de arrepia o supersticioso senador José Sarney: seu adversário no Amapá, o governador João Capiberibe, anda com uma pulseira de ossos de cobra. Diz que foi mandada que uma índia fez para ajudá-lo a derrotar Sarney no Estado.

Mobilização

O líder do governo, Arnaldo Madeira saiu ontem de Brasília otimista com a "forte solidariedade" dos líderes governistas para a votação do ajuste fiscal. Apesar das discordâncias, ele acredita em vontade política. O problema, admite, é conseguir na quarta-feira um quórum bom para a votação da reforma da Previdência. O primeiro teste.

Perguntar não ofende

Vai ter balcão para negociar o ajuste fiscal?

JOGO RÁPIDO

Cristovam Buarque cancelou a viagem que faria à Ásia. Diz que não pode sair de Brasília neste momento de "tão fortes manifestações de solidariedade".

O governador, aliás, foi para a reunião dos governadores de oposição, mas não ficou para a foto do grupo. Só porque estava com agenda cheia. Cristovam está convencido de que FHC, ao aparecer no programa do PMDB, deu credibilidade à promessa de Roriz de conceder o reajuste de 28%. Levou, no mínimo, 5% dos servidores.

Ao ser perguntado, ontem, sobre quem poderia ser o secretário da Fazenda de Brasília no novo governo, um secretário tucano da Fazenda respondeu: "Não sei, só sei que tem de ser uma pessoa muita dura, diante das promessas que estão por aí."

O governador eleito Olívio Dutra não tem dúvida: "O pacto federativo está sendo pisoteado pelo ajuste de FHC."

Expectativa é com reais chances de aprovação de pacote; presidente responde ter confiança no Congresso

DOCA DE OLIVEIRA

BRASÍLIA – Na quarta-feira, quando a equipe econômica anunciou as medidas do ajuste fiscal, o presidente Fernando Henrique Cardoso manteve novo contato telefônico com o presidente dos EUA, Bill Clinton. Durante a conversa, Clinton teria demonstrado preocupação com a situação do País, ressaltado a necessidade de "vencer suas dificuldades" e ainda perguntado "quais as reais chances de o Congresso aprovar o ajuste". Fernando Henrique transmitiu ao colega norte-americano "sua confiança" no apoio do Legislativo.

O teor do diálogo foi reproduzido pelo próprio Fernando Henrique, durante jantar na quarta-feira no Palácio do Jaburu, residência oficial do vice-presidente Marco Maciel, onde reuniram os líderes dos partidos aliados no Senado para detalhar as medidas do ajuste fiscal. "Ele (Clinton) é nosso aliado", teria comentado Fernando Henrique aos senadores, segundo relato de um dos políticos presentes ao encontro.

A revelação da conversa com o presidente dos EUA serviu como mais argumento para o Fernando Henrique deixar claro que espera uma resposta firme do Congresso ao pacote de medidas anunciado esta semana. "É um dos ingredientes da credibilidade internacional que o presidente quer preservar", comentou um dos políticos presentes ao encontro. "Uma reação negativa do Congresso neste momento pode gerar incredulidade em torno de nossa capacidade de ajuste lá fora."

Afinidade – Antes de passar a palavra a seus ministros – jantaram no Palácio do Jaburu Pedro Malan, da Fazenda; Waldeck Ornelas, da Previdência; Paulo Paiva, do Planejamento, e Cláudia Costin, da Administração – o presidente reiterou que a crise financeira mundial repercute em todas as economias emergentes – não é um privilégio do Brasil –, exigindo-lhes alguma reestruturação e adaptação. E chamou atenção para o fato de que os países que fizerem o ajuste mais rapidamente, reduzindo o grau de risco, estarão mais aptos a ganhar a disputa por novos investimentos internacionais. "Malan foi o que mais falou", contou um dos políti-

cicos presentes. "Aliás, impressionou-me a afinidade de discursos entre os dois; estão falando igualzinho", acrescentou, referindo-se ao ministro e ao presidente.

Além dos ministros, representou a equipe econômica o secretário-executivo do ministério do Planejamento, Martus Tavares. Também foram convidados o presidente nacional do PFL, senador Jorge Bornhausen (SC); o presidente nacional do PSDB, senador Teotônio Vilela (AL); o presidente da Comissão de Assuntos Econômicos, senador Pedro Piva (PSDB-SP); o relator da proposta do Orçamento, senador Ramez Tebet (PMDB-MS), entre outros. Fernando Henrique chegou poucos minutos depois das 21 horas e ficou mais tempo do que o previsto.

Embora tivesse outro compromisso em seguida, às 22 horas, ele só deixou o Palácio do Jaburu às 22h45. O jantar, entretanto, foi servido apenas às 23h30.

Aos convidados foi oferecido

202

O presidente, no encontro no Jaburu: cuidado para evitar reações intempestivas e facilitar articulação de aliados

cutida nenhuma alternativa para o pacote já anunciado. Dos senadores, ouviu que o conjunto de medidas "era pesado" e de difícil aprovação. "Eles reconheceram isso e o presidente também", lembrou um dos aliados convidados. Segundo ele, o presidente não escondeu sua surpresa diante das explicações da ministra da Administração, que mostrou que o saldo médio da cobrança da contribuição previdenciária sobre os salários acima de R\$ 1.200,00 poderá significar uma alíquota superior a 18%.

"Até ele demonstrou espanto", lembrou o senador.

Os políticos garantiram que não houve oportunidade, "nem era a ocasião oportuna", para levar ao presidente reclamações da campanha eleitoral. Políticos irritados – como o presidente nacional e líder do PMDB no Senado, Jader Barbalho (PA), por exemplo – "estavam tranqüilos", contou um senador. No jantar de ontem, disseram, também a composição do segundo governo foi ignorada. "Os senadores são menos afios", justificou um dos políticos convidados. Embora informal, comentaram, a conversa teve um certo "tom solene", deixando no ar "um clima de gravidade e urgência".

Com essa apresentação didática, o governo tentou convencer os líderes da bancada governista da necessidade do ajuste, evitar reações intempestivas e facilitar a articulação da base parlamentar no Congresso.

Durante o jantar, o presidente e sua equipe falou apenas das medidas concretas e não foi dis-

cutido nenhuma alternativa para o pacote já anunciado. Dos senadores, ouviu que o conjunto de medidas "era pesado" e de difícil aprovação. "Eles reconheceram isso e o presidente também", lembrou um dos aliados convidados. Segundo ele, o presidente não escondeu sua surpresa diante das explicações da ministra da Administração, que mostrou que o saldo médio da cobrança da contribuição previdenciária sobre os salários acima de R\$ 1.200,00 poderá significar uma alíquota superior a 18%.

"Até ele demonstrou espanto", lembrou o senador.

Os políticos garantiram que não houve oportunidade, "nem era a ocasião oportuna", para levar ao presidente reclamações da campanha eleitoral. Políticos irritados – como o presidente nacional e líder do PMDB no Senado, Jader Barbalho (PA), por exemplo – "estavam tranqüilos", contou um senador. No jantar de ontem, disseram, também a composição do segundo governo foi ignorada. "Os senadores são menos afios", justificou um dos políticos convidados. Embora informal, comentaram, a conversa teve um certo "tom solene", deixando no ar "um clima de gravidade e urgência".

Com essa apresentação didática, o governo tentou convencer os líderes da bancada governista da necessidade do ajuste, evitar reações intempestivas e facilitar a articulação da base parlamentar no Congresso.

Durante o jantar, o presidente e sua equipe falou apenas das medidas concretas e não foi dis-

cutido nenhuma alternativa para o pacote já anunciado. Dos senadores, ouviu que o conjunto de medidas "era pesado" e de difícil aprovação. "Eles reconheceram isso e o presidente também", lembrou um dos aliados convidados. Segundo ele, o presidente não escondeu sua surpresa diante das explicações da ministra da Administração, que mostrou que o saldo médio da cobrança da contribuição previdenciária sobre os salários acima de R\$ 1.200,00 poderá significar uma alíquota superior a 18%.

"Até ele demonstrou espanto", lembrou o senador.

Os políticos garantiram que não houve oportunidade, "nem era a ocasião oportuna", para levar ao presidente reclamações da campanha eleitoral. Políticos irritados – como o presidente nacional e líder do PMDB no Senado, Jader Barbalho (PA), por exemplo – "estavam tranqüilos", contou um senador. No jantar de ontem, disseram, também a composição do segundo governo foi ignorada. "Os senadores são menos afios", justificou um dos políticos convidados. Embora informal, comentaram, a conversa teve um certo "tom solene", deixando no ar "um clima de gravidade e urgência".

Com essa apresentação didática, o governo tentou convencer os líderes da bancada governista da necessidade do ajuste, evitar reações intempestivas e facilitar a articulação da base parlamentar no Congresso.

Durante o jantar, o presidente e sua equipe falou apenas das medidas concretas e não foi dis-

cutido nenhuma alternativa para o pacote já anunciado. Dos senadores, ouviu que o conjunto de medidas "era pesado" e de difícil aprovação. "Eles reconheceram isso e o presidente também", lembrou um dos aliados convidados. Segundo ele, o presidente não escondeu sua surpresa diante das explicações da ministra da Administração, que mostrou que o saldo médio da cobrança da contribuição previdenciária sobre os salários acima de R\$ 1.200,00 poderá significar uma alíquota superior a 18%.

"Até ele demonstrou espanto", lembrou o senador.

Os políticos garantiram que não houve oportunidade, "nem era a ocasião oportuna", para levar ao presidente reclamações da campanha eleitoral. Políticos irritados – como o presidente nacional e líder do PMDB no Senado, Jader Barbalho (PA), por exemplo – "estavam tranqüilos", contou um senador. No jantar de ontem, disseram, também a composição do segundo governo foi ignorada. "Os senadores são menos afios", justificou um dos políticos convidados. Embora informal, comentaram, a conversa teve um certo "tom solene", deixando no ar "um clima de gravidade e urgência".

Com essa apresentação didática, o governo tentou convencer os líderes da bancada governista da necessidade do ajuste, evitar reações intempestivas e facilitar a articulação da base parlamentar no Congresso.

Durante o jantar, o presidente e sua equipe falou apenas das medidas concretas e não foi dis-

cutido nenhuma alternativa para o pacote já anunciado. Dos senadores, ouviu que o conjunto de medidas "era pesado" e de difícil aprovação. "Eles reconheceram isso e o presidente também", lembrou um dos aliados convidados. Segundo ele, o presidente não escondeu sua surpresa diante das explicações da ministra da Administração, que mostrou que o saldo médio da cobrança da contribuição previdenciária sobre os salários acima de R\$ 1.200,00 poderá significar uma alíquota superior a 18%.

"Até ele demonstrou espanto", lembrou o senador.

Os políticos garantiram que não houve oportunidade, "nem era a ocasião oportuna", para levar ao presidente reclamações da campanha eleitoral. Políticos irritados – como o presidente nacional e líder do PMDB no Senado, Jader Barbalho (PA), por exemplo – "estavam tranqüilos", contou um senador. No jantar de ontem, disseram, também a composição do segundo governo foi ignorada. "Os senadores são menos afios", justificou um dos políticos convidados. Embora informal, comentaram, a conversa teve um certo "tom solene", deixando no ar "um clima de gravidade e urgência".

Com essa apresentação didática, o governo tentou convencer os líderes da bancada governista da necessidade do ajuste, evitar reações intempestivas e facilitar a articulação da base parlamentar no Congresso.

Durante o jantar, o presidente e sua equipe falou apenas das medidas concretas e não foi dis-

cutido nenhuma alternativa para o pacote já anunciado. Dos senadores, ouviu que o conjunto de medidas "era pesado" e de difícil aprovação. "Eles reconheceram isso e o presidente também", lembrou um dos aliados convidados. Segundo ele, o presidente não escondeu sua surpresa diante das explicações da ministra da Administração, que mostrou que o saldo médio da cobrança da contribuição previdenciária sobre os salários acima de R\$ 1.200,00 poderá significar uma alíquota superior a 18%.

"Até ele demonstrou espanto", lembrou o senador.

Os políticos garantiram que não houve oportunidade, "nem era a ocasião oportuna", para levar ao presidente reclamações da campanha eleitoral. Políticos irritados – como o presidente nacional e líder do PMDB no Senado, Jader Barbalho (PA), por exemplo – "estavam tranqüilos", contou um senador. No jantar de ontem, disseram, também a composição do segundo governo foi ignorada. "Os senadores são menos afios", justificou um dos políticos convidados. Embora informal, comentaram, a conversa teve um certo "tom solene", deixando no ar "um clima de gravidade e urgência".

Com essa apresentação didática, o governo tentou convencer os líderes da bancada governista da necessidade do ajuste, evitar reações intempestivas e facilitar a articulação da base parlamentar no Congresso.

Durante o jantar, o presidente e sua equipe falou apenas das medidas concretas e não foi dis-

cutido nenhuma alternativa para o pacote já anunciado. Dos senadores, ouviu que o conjunto de medidas "era pesado" e de difícil aprovação. "Eles reconheceram isso e o presidente também", lembrou um dos aliados convidados. Segundo ele, o presidente não escondeu sua surpresa diante das explicações da ministra da Administração, que mostrou que o saldo médio da cobrança da contribuição previdenciária sobre os salários acima de R\$ 1.200,00 poderá significar uma alíquota superior a 18%.

"Até ele demonstrou espanto", lembrou o senador.

Os políticos garantiram que não houve oportunidade, "nem era a ocasião oportuna", para levar ao presidente reclamações da campanha eleitoral. Políticos irritados – como o presidente nacional e líder do PMDB no Senado, Jader Barbalho (PA), por exemplo – "estavam tranqüilos", contou um senador. No jantar de ontem, disseram, também a composição do segundo governo foi ignorada. "Os senadores são menos afios", justificou um dos políticos convidados. Embora informal, comentaram, a conversa teve um certo "tom solene", deixando no ar "um clima de gravidade e urgência".

Com essa apresentação didática, o governo tentou convencer os líderes da bancada governista da necessidade do ajuste, evitar reações intempestivas e facilitar a articulação da base parlamentar no Congresso.

Durante o jantar, o presidente e sua equipe falou apenas das medidas concretas e não foi dis-

cutido nenhuma alternativa para o pacote já anunciado. Dos senadores, ouviu que o conjunto de medidas "era pesado" e de difícil aprovação. "Eles reconheceram isso e o presidente também", lembrou um dos aliados convidados. Segundo ele, o presidente não escondeu sua surpresa diante das explicações da ministra da Administração, que mostrou que o saldo médio da cobrança da contribuição previdenciária sobre os salários acima de R\$ 1.200,00 poderá significar uma alíquota superior a 18%.

"Até ele demonstrou espanto", lembrou o senador.

Os políticos garantiram que não houve oportunidade, "nem era a ocasião oportuna", para levar ao presidente reclamações da campanha eleitoral. Políticos irritados – como o presidente nacional e líder do PMDB no Senado, Jader Barbalho (PA), por exemplo – "estavam tranqüilos", contou um senador. No jantar de ontem, disseram, também a composição do segundo governo foi ignorada. "Os senadores são menos afios", justificou um dos políticos convidados. Embora informal, comentaram, a conversa teve um certo "tom solene", deixando no ar "um clima de gravidade e urgência".